

Aspectos Demográficos da Raça Cão da Serra de Aires



- Uma Raça em PERIGO de Extinção.

O Cão da Serra de Aires tem o seu solar no Alto Alentejo, pensando-se que teve origem mais concretamente no Monte de Aires (ao qual deve a sua denominação e não à Serra de Aires como muitos pensam), situado no concelho de Monforte, distrito de Portalegre. Os pastores da Beira Interior e do Alto Alentejo são os principais detentores de exemplares desta raça, ainda pouco divulgada em Portugal, e utilizam-nos na sua função original, como cão de pastor, auxiliando a condução de rebanhos, embora, actualmente já muitos animais sejam utilizados como cães de companhia.

O estalão do Cão da Serra de Aires foi redigido em 1930, pelos Drs. António Cabral e Filipe Morgado Romeiras, e em 1965 a raça

foi oficialmente reconhecida pela Federação Cinófila Internacional (F.C.I.), sendo a raça canina autóctone portuguesa que mais cedo obteve o estalão redigido e o reconhecimento da F.C.I.. No entanto, foi a última raça autóctone a ter uma entidade que a representasse, o Clube do Cão da Serra de Aires (CCSA), fundado em 1996.

No período entre 1932 e 2001 inclusive, procedeu-se ao registo de um total absoluto de 2.323 exemplares da raça nos Livros de Registo do Clube Português de Canicultura. Deste total, 27% correspondem a animais inscritos no Registo Inicial (R.I.) e 3% a animais registados no R.I. e posteriormente transferidos para o Livro de Origens Português (L.O.P.) por excelente classificação dos exemplares em provas de trabalho c/

ou exposições, sendo os restantes 70% referentes a animais inscritos directamente no L.O.P. (Figura 1).

Distribuição dos Registos por Classes
N=2.323

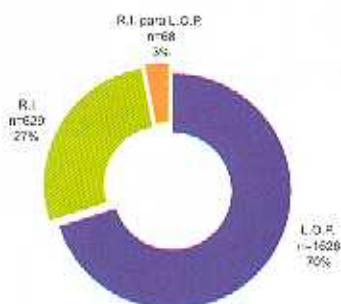


Figura 1: Distribuição do total de registos do Cão da Serra de Aires nos Livros de Registo.

O Cão da Serra de Aires foi uma das únicas raças caninas autóctones portuguesas que só teve exemplares registados nos Livros alguns anos após a redacção do seu estatão. As primeiras inscrições de animais desta raça ocorreram em 1954, ou seja, 24 anos após da aprovação deste descritivo morfológico e comportamental.

Como se pode constatar pela análise da Figura 2, o número de registos no L.O.P. geralmente correspondeu a uma fracção significativa das inscrições anuais. O número de inscrições no R.I. só em raras excepções ultrapassou este efectivo, mais exactamente em 1968, 1972, 1973, 1977, 1981 e 1996, sendo de salientar que 1977 foi o ano de excepção no qual só ocorreram inscrições no R.I.

Uma análise temporal permite-nos verificar que entre 1978 e 1995 ocorreu um aumento irregular do total de inscrições anuais. No entanto nunca foi ultrapassado o total de 161 exemplares inscritos nos Livros de Registo, referentes ao ano de 1995. A partir deste ano tem-se verificado uma tendência para uma diminuição do número de registos, embora se constate a ocorrência de significativas variações anuais. O maior volume de inscrições no L.O.P. ocorreu em 1997 (N=105) e no R.I. em 1994 (N=67).

Número de Registos Anuais do Cão da Serra de Aires

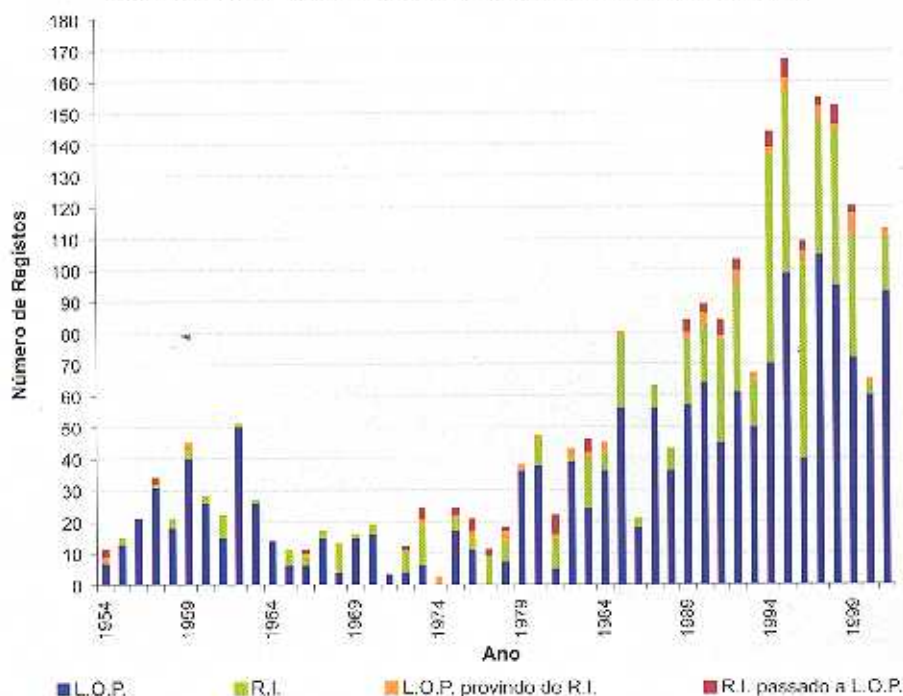


Figura 2: Histograma dos registos anuais do Cão da Serra de Aires nos Livros de Registo.

É ainda de salientar que, nos últimos 20 anos, foi constatada a ocorrência de um número superior de inscrições no R.I. (comparativamente com os anos anteriores), sig-

nificando um recrutamento crescente de animais aptos para reprodução. Este é um aspecto extremamente importante dado tratar-se uma raça pouco numerosa.



AJUDE A DIVULGAR AS RAÇAS PORTUGUESAS COLABORE CONNOSCO

ONE FRIEND EDITORA - Revista "Os nossos Cães"

Apartado 43 • 2811-801 FEIJÓ

Tel: 21 294 75 93 • Fax: 21 294 80 60 • E-mail: osnossoscaes@clix.pt



Em geral, o número de inscrições de machos e de fêmeas foi equilibrado, ou seja a relação de machos/fêmeas inscritos têm-se mantido com valores próximos de 1, embora em 1954 e 1958 se tenha verificado um desequilíbrio, que voltou a ter expressão em alguns anos entre 1965 e 1978. Nos últimos 20 anos esta relação tem-se

mantido equilibrada (Figura 3). Assim, podemos considerar a possibilidade de ser efectuada uma eficiente gestão da raça com a utilização de todos os reprodutores, de forma a garantir uma adequada manutenção dos níveis de variabilidade genética e prevenir o aumento da consanguinidade.

Percentagem de Registos por Género

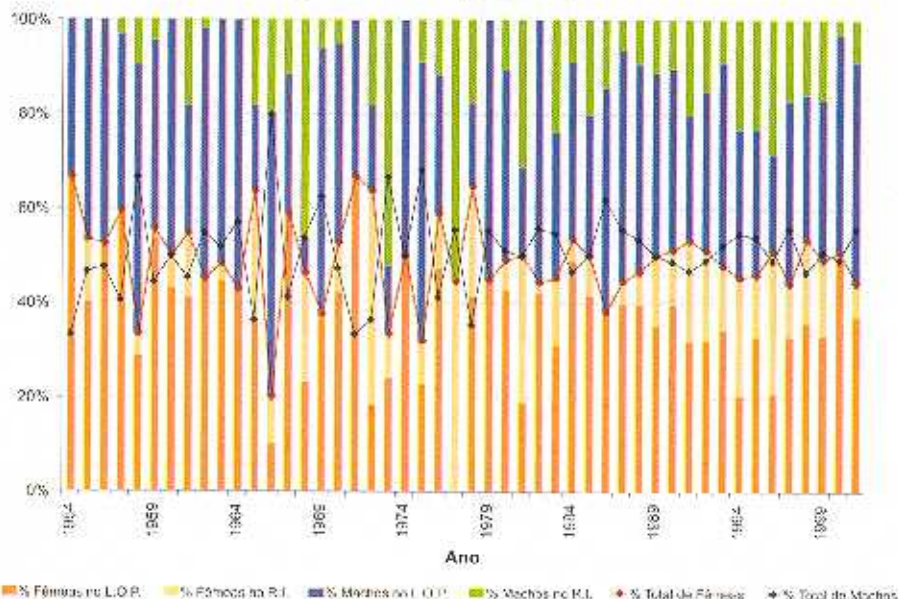


Figura 3: Percentagem de registos do Cão da Serra de Aires por género.

Segundo a legislação em vigor, estabelecida pelo Clube Português de Canicultura, os exemplares da raça Cão da Serra de Aires poderão entrar à reprodução ao 1 ano de idade (por não pertencerem ao grupo dos molossóides), e as fêmeas poderão ser utilizadas em cruzamentos até aos 8 anos. Assim, segundo a actual definição de estatuto de risco de uma raça, elaborada pela Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) em 1992, o Cão da Serra de Aires encontra-se "Em Perigo" desde 1984. Esteve em estado "Crítico" de conservação até 1962, "Em Perigo" em 1963 e 1964, e voltou a apresentar-se em estado "Crítico" entre 1965 e 1983.

Constatou-se uma tendência para o aumento do número de fêmeas em idade reprodutiva entre 1979 e 2001, ano em que foi verificada a existência do maior número de fêmeas nesta idade (N=426). Em 2002 verificou-se a ocorrência de um pequeno decréscimo (N=411).

Como tem sido referido para as restantes raças portuguesas, em números anteriores desta revista, para uma correcta avaliação dos aspectos demográficos e uma eficiente gestão dos recursos da raça, é indispensável a integração dos dados genealógicos e morfológicos existentes, o conhecimento sobre a data e causa de morte dos exemplares e a elaboração de um censo preciso dos animais por registar e da sua qualidade. Apela-se mais uma vez à participação dos proprietários com os seus cães em concursos, de forma proceder-se ao registo destes novos exemplares, e ainda para que informem o C.P.C. da data e causa de morte dos animais. No futuro seria possível fazer uma avaliação das doenças que mais afectam os exemplares desta raça, podendo ser efectuada uma prevenção profiláctica mais direccionada e eficiente, e determinar qual a longevidade média da raça. É imprescindível a actuação do Clube de Raça e dos criadores na dinamização destes aspectos e na procura de novos exemplares por registar.

Relativamente aos aspectos da variabilidade genética pode-se concluir que apesar de pouco popular e "Em Perigo" de extinção, esta raça apresenta um elevado nível de variabilidade e consanguinidade nula, o que reflecte uma gestão cuidada por parte dos criadores e proprietários. É importante a selecção criteriosa dos acasalamentos, devendo-se seleccionar animais de linha-



gens diferentes de modo a manter estes níveis. Sempre que possível deverá recorrer-se a testes moleculares para certificação individual e de paternidade, de modo a validar a ascendência de cada indivíduo.

Os nossos agradecimentos muito especiais a todos os membros: do Clube Portugu-

ês de Canicultura, que nos facultaram o livre acesso aos registos individuais caninos; do Grupo Lobo, que é a entidade responsável pelo projecto "Novas Soluções para o Controlo da Predação nos Animais Domésticos" (AGRD/311) no âmbito do qual este estudo foi desenvolvido; do Departamento de Biotecnologia do Instituto Nacio-

nal de Engenharia e Tecnologia e Inovação, onde foi desenvolvida a componente genética deste estudo. ■

Texto: MARGARIDA LÁ SALETE G. GOMES
& ANA ELISABETE G. PIRES

Fotos: CARLA CRUZ

